

A MENINA E A SANTA:

Resenha de *Em teu Ventre*, de José Luís PeixotoValdemar Valente Junior¹

A voz de Deus ecoa no coração dos homens como expressão do que representa a natureza em seu trabalho de todos os instantes. Assim, a perfeição e a imperfeição refletem as coisas acabadas e inacabadas, significando o início e o fim de tudo. Daí *Em teu ventre*, romance de José Luís Peixoto, ter como assunto uma família de trabalhadores rurais de Fátima, em Portugal, cujos primos e irmãos, Lúcia, Francisco e Jacinta, incumbidos de pastorear os animais, afirmam terem visto e falado com Nossa Senhora, mãe de Jesus. Em vista disso, Lúcia e seus primos passam a atrair multidões de fiéis, do mesmo modo que atraem os descrentes, oferecendo proteção a todos eles. Vive-se o ano de 1917, e entre os meses de maio e outubro as três crianças são tocadas por essa condição divina, havendo a interseção de outras mães, bem como da própria Nossa Senhora, além da narradora-mãe de José Luís Peixoto, cujos comentários se dirigem ao filho. A presença do sobrenatural permeia a narrativa como pretexto ao diálogo entre o humano e o divino, de personagens históricos e Deus com alguns dos narradores que fazem parte do relato. A fé cristã, por sua vez, pontifica como retrato de Portugal, acentuando essa relação na ambiência da vida rural.

Lúcia e seus primos lidam com as ovelhas, no trabalho que melhor concerne às crianças de sua idade. Aos sete anos, a menina possui uma clarividência que a destaca das demais crianças da aldeia, em vista da existência de Deus dando voz e ouvidos aos seres humanos com quem estabelece interlocução. Na verdade, Lúcia conduz os rebanhos, tanto das ovelhas que vão ao rego beber água quanto dos primos que se ajoelham e agradecem antes de almoçar. A presença de Deus apresenta-se como verdade referindo-se à mãe como mentora do princípio da existência, a quem foi dado o poder da luz que ilumina a beleza do mundo. Por sua vez, a visão de Lúcia é tida como mentira a que se faz preciso coibir, diante do fato de que isso depõe contra o bom nome de sua família. Assim, o terror apodera-se da menina, diante da mãe, a quem nega ter falado com Nossa Senhora. No entanto, a prima Jacinta lhe chega perto e murmura-lhe ao ouvido ter visto Nossa Senhora. Para Maria, mãe de Lúcia, essas palavras soam como uma ofensa, o que a faz empurrar os

¹ Valdemar Valente Junior é Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco.

sobrinhos para fora de casa, seguindo-se a isso uma ave-maria, ao temer a vingança da Virgem.

A esperança de Deus deposita-se no fato de que nada falta ao tempo, sendo a colheita tão importante quanto a semeadura, uma vez que para os justos não há mais pesar depois do fim do que antes do início. Assim, a guerra e a paz são instâncias que implicam a presença ou a ausência da luz divina, assunto que é incompreensível para Lúcia, em sua pouca idade, por não saber ela o que representa a morte. Saber que do outro lado da Europa há uma guerra resulta em extrema tristeza. A isso se contrapõe o assunto em torno de Lúcia e sua visão de Nossa Senhora. Antes que isso torne a ser abordado, a mãe interfere, benzendo-se e repreendendo o que considera uma mentira. Coibida pela reação de Maria, Lúcia admira o contentamento do pai diante do vinho e das cartas de um jogo de que é sempre o vencedor, quando sussurra uma interjeição que se segue a mais uma rodada exitosa. Ao jogo sucede a chegada de um cego que, levado ao centro do terreiro, canta alguns fados muito tristes, sendo interrompido pelos sinos da ave-maria, ocasião em que os pobres da aldeia se ajoelham com devoção. Terminada a função, os convidados retiram-se, e Maria ordena que se proceda a limpeza do que restou da reunião festiva, enquanto as filhas mais novas cuidam dos afazeres da cozinha, no instante em que distribui comida aos que se benzem diante dela. À noite, entrega-se ao marido com todos os desejos a que ele tem direito.

As visões de Lúcia dão conta tanto do bem de Deus quanto do mal, representado por uma mulher a desfazer-se. Em seguida, é agarrada por um homem cujo rosto se desfaz em sangue e desgraça, dor e morte, sem que haja perdão. Do mesmo modo, o marido relata à mulher o encontro de sua filha e de seus sobrinhos com Nossa Senhora. Daí a Virgem lhe ter afiançado seu retorno, de maio a outubro. Lúcia tem a visão de Nossa Senhora posta em dúvida, e as mulheres da aldeia aproveitam a festa de Santo Antônio para saber dela a respeito da aparição divina. Isso altera a ordem das coisas, a partir do momento em que sua visão concorre para que doravante tudo seja diferente do que sempre foi. A mentira, por sua vez, pode condenar ao cativoiro gerações inteiras. No entanto, Lúcia possui a convicção plena do que representa a mensagem que recebe através da luz que lhe toca os olhos, dando-lhe o discernimento da distinção entre a terra e o céu, o humano e o sagrado, a partir do que lhe cabe perceber diante de Nossa Senhora.

Inquerida pelo prior, em vista da interferência de sua mãe, Lúcia tem seus instantes de vidência associados às artimanhas do demônio que habita diferentes territórios e se compraz em servir-se dos espíritos incautos para pôr em prática seus malefícios. Assim,

passa a ser abordada por pessoas que veem nela a salvação do espírito e a cura o corpo. Não obstante a oposição aos prodígios pelos quais é tocada, consegue acalmar a todos na festa de Santo Antônio após rezar o terço. Do modo como isso ocorre, não apenas Lúcia e seus primos dão conta da aparição de Nossa Senhora, não sendo esse episódio suficiente desfazer a solenidade do momento da oração. Longe de Portugal, nos campos de batalha onde se desenrola a Primeira Guerra Mundial, parece reinar uma trégua que apascenta os espíritos beligerantes. A epifania da aparição da Virgem toma de assalto as pessoas que veem em Lúcia um objeto de contemplação. Por sua vez, o sermão proferido pelo padre indaga acerca da veracidade dessa aparição, alegando ser Portugal um pequeno país, uma vez que sua presença infinita e universal estaria mais de acordo com o que se desenrola nos países em guerra.

Chega à cidade a notícia acerca dos acontecimentos na aldeia. Veiculada pelos jornais, uma edição surge nas mãos de Maria, que a lê para os filhos, na ausência do pai, que se encontra a beber na taberna. Ao ler o jornal, fica indignada como o fato de que o suposto milagre tem como objetivo a construção de uma instância rentável, a exemplo do que já existe em Lourdes. Em seguida, o administrador do concelho, a exemplo do que fizera o padre, despeja sobre Lúcia um interrogatório impiedoso, arguindo ainda seu pai acerca da crença da filha, de quem ouve ser isso história de mulheres. Por sua vez, a multidão continua a assomar a charneca, chegando à aldeia e certificando-se da ausência das crianças, agora confinadas na residência do administrador, por conta da ameaça do que representa a heresia como forma de desencaminhar o povo dos desígnios de Deus. O administrador exerce seu poder de intimidação diante de Lúcia, argumentando existirem leis que não devem ser descumpridas. Na volta, depois de dois dias, fica sabendo que Nossa Senhora veio à aldeia, mas se foi ao dar-se conta de sua ausência, diante da multidão que por sua causa aí se aglomera.

Desse modo, fica estabelecido o diálogo entre Lúcia e Nossa Senhora. Daí Lúcia passar a gozar de enorme conceito junto aos moradores da aldeia, uma vez que traduz o desejo coletivo, no sentido de sua relação com a Virgem. Assim, a narrativa atinge seu ponto máximo quando o diálogo atinge o clímax de uma situação para a qual não há precedente no transcurso da obra. A dimensão dessa vidência faz com que as demais crianças se afastem de Lúcia, uma vez que as pessoas que buscam dela se aproximar afugentam o espírito pueril das brincadeiras referentes a sua idade. Os portadores de pedidos se acumulam, a partir do populacho que se aglomera diante da menina. Em torno da casa, suplicantes de todas as espécies imploram, não apenas os pobres acostumados a

receber esmolas, mas gente bem-composta que busca redimir-se da miséria que assoma a condição humana, diante da menina incumbida por Nossa Senhora de propagar o prodígio de seus milagres. A dimensão da fé que essa gente alimenta corresponde à mendicância por saúde e misericórdia, uma vez que as migalhas de esperança que recolhem lhes confortam o corpo e o espírito.

As pessoas multiplicam-se em torno de Lúcia, invadindo a casa onde mora. Essa multidão tangencia o desespero dos que não sabem o que fazer diante do infortúnio que as assola, sendo as aparições de Nossa Senhora intermediadas pela menina a garantia do alívio de dores e aflições. A turba agarra-se a um fio de esperança que lhe restitui o que se perdeu para sempre. Diante disso, uma procissão de infelizes assoma as estradas em busca de um milagre, chafurdando na lama em meio à chuva que cai. Todos estão ansiosos pela chegada de Nossa Senhora como renovação das esperanças perdidas, em vista do fim da guerra que se anuncia breve, trazendo os militares de volta a seus lares. Lúcia não se sente atingida pelas pessoas que frente a ela se colocam e têm urgência no atendimento de suas demandas. Assim, a esperança pode garantir uma quota diária de eternidade, sendo a fé dos homens o resultado do que se espera para que se possa enfrentar os dias ao longo da vida. Viver consiste na crença de que efetivamente se vive, sendo que cedo ou tarde se chega à morte, e cada um morrerá daquilo que acredita.

Referências

PEIXOTO, José Luís. *Em teu ventre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.